

Lembra-te que:

- “As pessoas tem diferentes expressões e identidades de género. Cada indivíduo tem o direito de definir a sua identidade e ser tratado de acordo com a mesma.” (TGEU, TOOLKIT)
- “A situação dos direitos humanos dos trabalhadorxs do sexo requer uma ação urgente” (TGEU, Sex Work Policy)
- O estigma leva a violações dos direitos humanos, algo que se reflete tanto na comunidade como no comportamento dos indivíduos.
- Organizações Internacionais, como a OMS, a Comissão Global sobre HIV e Lei e a Amnistia Internacional propõem a des-criminalização de todos os aspetos do trabalho sexual realizado por adultxs, pelas previsíveis barreiras que a criminalização cria aos direitos humanos dxs trabalhadorxs do sexo” (AI Policy on Sex Work 2016)
- Tráfico de seres humanos e exploração sexual não são sinónimos de trabalho sexual. Constituem fenómenos diferentes e não devem ser confundidos e associados.
- As pessoas trans precisam dos mesmos cuidados de saúde que todos os indivíduos. Não é necessária expertise específica em questões trans para tratar pacientes com problemas não relacionados com essas questões.
- Especialistas como os endocrinologistas estão habilitados para lidar com áreas específicas dos cuidados de saúde para pessoas trans.
- As pessoas trans tendem a evitar os serviços de saúde por se sentirem desconfortáveis com as equipas médicas.
- Por força de fatores estruturais e interpessoais, mulheres trans que fazem trabalho sexual têm uma probabilidade nove vezes maior de estar a viver com HIV do que mulheres cis que fazem trabalho sexual (UNAIDS 2014)

Fact Box:

- 88 % das pessoas trans vítimas de homicídio na Europa são trabalhadorxs do sexo (TGEU 2017)
- 43% das pessoas trans vítimas de homicídio são trabalhadorxs do sexo migrantes (TGEU 2017)
- 33% reportam pelo menos uma experiência negativa com médicos ou com equipas de saúde (Transgender Survey 2015)
- Na União Europeia, apenas 7 estados introduziram leis antidiscriminação que protegem os indivíduos da discriminação baseada na expressão de género. (TGEU 2019)
- 86% dos TST nos EUA reportaram ter sido assediadxs, atacadxs, abusadxs sexualmente ou, de alguma forma, maltratadxs pela polícia. (TGEU 2017)



A FAZER:	A EVITAR:
Respeita. Mesmo que não tenhas muito conhecimento sobre identidade de género, todos os indivíduos merecem ser respeitados.	Evita elogios ou comentários baseados em estereótipos ou referentes à identidade de género (e.g. “Pareces uma mulher a sério!”).
Tenta usar linguagem que as pessoas trans usam. São as pessoas trans que sabem qual a linguagem que mais se adequa a si.	Não chames ninguém pelo nome que consta no documento de identificação sem perguntares primeiro. Em caso de dúvida, usa o apelido.
Respeita e adota os termos que TST usam para se referirem aos seus genitais.	Não patologizes os corpos e identidades trans.
Pergunta a cada pessoa que pronomes relativos ao género deves usar, bem como se a pessoa aceita que estes se reflitam nos registos escritos.	Não faças perguntas sobre a realização ou não de cirurgia de redesignação genital se não for necessário por motivos médicos. Se houver necessidade, começa por perguntar se a pessoa se sente confortável para falar sobre isso.
Reconsidera a inclusão do género em documentos e formulários. Será mesmo necessário? Se sim, considera deixar um espaço em branco para que as pessoas possam preencher, ao invés de dar opções.	Não faças suposições quanto à identidade de género, preferências sexuais ou orientação sexual. Se precisas de mais informações, pergunta.
Respeita os princípios de privacidade e confidencialidade.	Não uses o nome atribuído à nascença (nome morto). Fazê-lo de forma intencional é um ato de humilhação e agressão.
Procura garantir que os serviços destinados a trabalhadorxs do sexo trans não são negados, adiados ou referidos desnecessariamente.	Não prescrevas medicamentos ou terapias hormonais sem confirmares se a pessoa tem experiências prévias com prescrições semelhantes.
Tem em conta os princípios da Redução de Riscos quando atendes TST.	Não coloques entraves ao uso da casa-de-banho consoante o género com que a pessoa se identifica.
Procura ter em conta o horário de trabalho dxs TST quando defines horários de atendimento.	Não negues o acesso aos serviços de saúde se a pessoa não tiver documentos.
Sinaliza de forma visível, na entrada ou na sala de espera, que todos os géneros são bem-vindos.	
Se ocupas uma posição que te permite tomar decisões, considera a inclusão de pares no teu serviço.	
Se possível, procura que o pessoal técnico e os recursos sejam plurilinguísticos.	
Quando contactas com TST migrantes, lembra-te que podem não estar familiarizados com o sistema de saúde local. Sê paciente e oferece ajuda.	
Pondera as questões que colocas.	
Caso cometas um erro, faz parte das boas práticas reconhecê-lo, pedir desculpa e perguntar o que deves dizer como alternativa.	



Para mais informações, por favor contacte a entidade coordenadora:

APDES | Agência Piaget para o Desenvolvimento
Arcozelo, Vila Nova de Gaia - Portugal
T. +351-227-531-106/7 | M. +351-939-406-020
portog@apdes.pt

